

CULTURA

A hipótese agrada ao maestro

Fundação Stockhausen em Lisboa?



Karlheinz Stockhausen gostaria de se radicar em Portugal

António Melo

O compositor Karlheinz Stockhausen não desdenharia vir viver para Lisboa e aqui terminar o seu ciclo "Licht". Mas a grandiosidade do projecto — "excessiva", segundo um administrador da Gulbenkian — mete medo. A Gulbenkian não se atreverá a ser o seu principal parceiro.

Se me chegasse às mãos uma proposta concreta, podia negociar-se como seria a minha actuação (...)", declarou ao PÚBLICO o maestro Stockhausen, confirmando uma conversa informal tida com directores da Fundação Gulbenkian sobre a eventualidade de no nosso país concluir a sua carreira de compositor.

Karlheinz Stockhausen vem a Lisboa em Maio, para participar nos 16^{os} Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea com uma estreia absoluta que se inscreve no ciclo "Licht", a obra monumental que estaria disposto a concluir na capital portuguesa. A sua chegada está prevista para dia 5 de Maio e a primeira audição pública de "Dienstag aus Licht" programada para dia 10 (no

Grande Auditório). Será a primeira audição mundial e integral desta obra, que começou a ser trabalhada em 1988 e de que até agora apenas havia excertos.

Stockhausen não é desconhecido do público português, que ainda há dois anos assistiu, com entusiasmo, a um vasto ciclo da sua obra musical, promovido pela Fundação Gulbenkian. O compositor germânico não foi indiferente a esse acolhimento e data dessa altura a sugestão, então mais em tom de conversa do que de propósito claro, de escolher Portugal para local de construção do "seu Bayreuth".

O projecto foi amadurecendo na residência do maestro, em Kürten (Alemanha), para isso tendo contribuído as dificuldades com que deparou, no seu próprio país, para concretizar "Licht" (Luz) — um ciclo operático monumental sobre a criação dos sete dias da semana, de que a "Terça-Feira" (Dienstag) é o quarto tomo. "É um projecto megalómano, ao pé do qual o de Bayreuth, de Wagner, não passa de um singelo sonho de criança", confidenciou um crítico musical quando soube da disposição de Stockhausen.

Seja como for, há cerca de um ano, o maestro contactou formalmente a Fundação Gulbenkian, inquirindo da sua disponibilidade para dar corpo à execução do ciclo Licht. Mesmo para a a Gulbenkian a proposta de Stockhausen é excessiva — embora "sensibilizados pela proposta", como confidenciou um administrador — e manifestou-se impossibilitada de a concretizar, pelo menos como principal parceiro.

Na declaração que fez ao PÚBLICO, Stockhausen, não refere a diligência efectuada junto da Gulbenkian e admite ainda a possibilidade da viabilidade da opção lisboeta: "Se me chegasse às mãos uma proposta concreta, podia negociar-se qual seria, nesse caso, a minha actuação em relação a esse projecto." No entanto, sublinha: "Não recebi até à data uma confirmação de Lisboa sobre as eventuais condições para a realização da minha obra 'Licht' — estúdios, auditório, financiamento dos intérpretes, etc."

É precisamente a mentalidade desta empresa que deixa os eventuais parceiros indecisos, já que na compreensão do criador, "Licht" é um um todo constituído pelos sete dias da semana, que só em conjunto pode ser apreendido, de certo modo à semelhança do que Wagner reclamava para a sua Tetralogia. Só que, para Stockhausen, não se trata de uma apresentação em dias sucessivos, mas de uma execução, em simultâneo e em sete espaços contíguos, mas diferenciados, espacial e arquitectonicamente, de todo o ciclo.

O primeiro tomo de "Licht", "Donnerstag" (Quinta-Feira) foi apresentado no Scala de Milão, em 1981. Na histórica sala italiana foram estreados os dois tomos seguintes, "Samstag" (Sábado), em 1984, e "Montag" (Segunda-Feira), em 1988. O quarto, sobre "Terça-Feira", terá dia 10 de Maio, no Grande Auditório da Gulbenkian, em Lisboa, o momento histórico da primeira audição mundial. ■

nomes de escritores — as seguintes instituições: Associação Portuguesa de Escritores, que recusou pronunciar-se por recear que com essa indicação influenciasse o desfecho do seu próprio Grande Prémio; o PEN; e o Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários.

Paralelamente a este galardão, é atribuído o Prémio Europeu de Tradução. A candidata portuguesa ao júri é Isabel Allegro de Magalhães; e os concorrentes são António Gonçalves, que traduziu "Fragmentos do Apocalipse", de Torrente Ballester; Piedade Ferreira, com "Os Cavalos de Tarquinia", de Marguerite Duras; e Carlos Leite com "A Ratazana", de Günter Grass. Para este prémio foram ouvidos a Associação Portuguesa de Tradutores e o professor, ensaísta e tradutor João Barrento. ■

Torcalo Sepúlveda

Prémio Literário Europeu

Sousa Lara corta nome de Saramago

O ROMANCE de José Saramago "Evangelho Segundo Jesus Cristo" foi cortado da lista dos concorrentes ao Prémio Literário Europeu, pelo subsecretário de Estado da Cultura, Sousa Lara. Porque? "Porque não representa Portugal", respondeu Sousa Lara ao PÚBLICO. Mas esta medida não será contraditória com a crítica que a Secretaria de Estado da Cultura (SEC) tem dirigido aos agentes culturais portugueses, acusando-os de elitismo? Quando se diz que a SEC paga peças e filmes que ninguém vê e subsidia livros que ninguém lê, não será um pouco estranho que corte, para um prémio internacional,

o nome de um escritor que vende muitíssimo bem e é conhecido no estrangeiro? Não estará Saramago a pagar a factura de ser da oposição? "Esta minha atitude nada tem a ver com estratégias de venda, nem sequer com opções literárias. E muito menos com as escolhas políticas de Saramago. Não entrou em linha de conta o facto de ele ser comunista ou pertencer à Frente Nacional para a Defesa da Cultura."

"Por outro lado — prosseguiu Sousa Lara — a mim, como governante, não me pediriam um julgamento sobre a obra inteira de Saramago, mas sobre este livro. Ora, há

questões pessoais que me modelam, às quais não me oponho por questões de consciência pessoal." E o subsecretário de Estado da Cultura explicou a sua posição: "Se amanhã o PSD caísse na asneira de me obrigar a votar uma lei a favor do aborto, eu opor-me-ia. Poderia abandonar até o partido."

O "leit-motiv" de Sousa Lara é que "o livro não representa Portugal". Mas não representará os leitores portugueses que o compram muito? "A tutela cultural — responde — não deve assinar de cruz as sugestões dos seus serviços. Um dia destes, Saramago pode escrever um li-

vro lindíssimo e ser o representante de Portugal. Mas com este, não." Explicou ainda que a decisão é apenas sua e que não perguntara sequer a opinião de Santana Lopes: "Porque não tinha de o fazer."

O Presidente do Instituto Português do Livro e da Leitura (IPLL), Artur Anselmo, confirmou que o nome de José Saramago tinha de facto sido riscado pela tutela e lamentou que o caso pudesse envenenar ainda mais o ambiente cultural português.

Contactado pelo PÚBLICO, José Saramago disse apenas: "Não tenho qualquer declaração a fazer."